



---

## 22º. Domingo depois de Pentecostes (31/10/04)

### Próprio 26

#### 1ª leitura (Antigo Testamento) – Isaías 1.10-20

No tempo do rei Ezequias (século VII a.C.), o profeta Isaías ao falar sobre os festivais de sacrifícios no pátio do templo de Jerusalém, pede que “os príncipes de Sodoma e o povo de Gomorra” dêem ouvidos ao ensinamento (Torah) de Deus. Por que Sodoma e Gomorra? Essas cidades já haviam sido destruídas há muito tempo. A menção a elas aqui serve como metáfora. As palavras do profeta são dirigidas aos próprios líderes e ao povo de Judá, que se encontravam em situação análoga às cidades antigas. É um aviso muito sério.

É preciso lembrar que o Templo legitimava a opressão, fortalecendo o palácio e o projeto da monarquia. A religião, por sua vez, recebia os beneplácitos do Estado. Assim, a liturgia estava deturpada. Ela era mera demonstração do poder e prestígio dos governantes. Por isso, os festivais de sacrifícios tornavam-se uma competição, um poderoso mercado de consumo de bens sagrados sob os auspícios do palácio.

Os sacrifícios visavam a comunhão dos ofertantes com Deus. O profeta parece estar no meio, entre o festival, assistindo as orações e os sacrifícios e vendo o povo desprotegido que ficava cada dia mais empobrecido, tendo suas vidas “sacrificadas”, na medida em que os cantos e os odores impregnavam o ambiente.

A crítica profética está dirigida ao culto que ignora a prática da justiça e assim se esquece do Deus que se revelou a Moisés. O que Deus quer é que todos – os grandes e o povo – aprendam a fazer o bem, procurem a justiça, defendam as viúvas e as demais pessoas desprotegidas, pois cuidar desses é parte central do ensino da Lei (Torah).

A mensagem de aviso termina em um convite à conversão. A metáfora implícita é a da lavagem, a purificação. Assim, temos aqui uma forte sugestão para a liturgia e a missão para a justiça restauradora.

Vs. 10 – A destruição de Sodoma e Gomorra é lembrada também em Jeremias 23.14, Ezequiel 38.22, Salmo 11.6 e no Novo Testamento (Mt 10.14-15; 11.23-23; Lc 10.12; 17.29; 2 Pe 2.6ss, Jd 7). Essas cidades funcionam como símbolo da falta de hospitalidade e da violência contra a vida. Nos evangelhos a referência de Jesus a elas está no contexto da falta de recepção do reinado de Deus. A referência apenas à perversidades sexual se encontra em Judas 7. Por isso a associação simplista entre sodomita e homossexual é questionável. Em Isaías, essa cidade é símbolo da opressão, injustiça e perversão das relações da aliança. (ST).

#### 2ª leitura (Epístola) – II Tessalonicenses 1.1-5 (6-10), 11-12



Após o endereço e a saudação (vs. 1-2), a carta começa com a ação de graças pela fé, amor e perseverança da Igreja em Tessalônica em meio às situações difíceis como a perseguição. O autor dá graças a Deus pela fé que progride além das medidas e que não se estagna nem desaparece.

A fé é o relacionamento de confiança que se expressa na recepção de Jesus Cristo como dádiva divina pelo poder do Espírito Santo. Essa recepção se expressa também, pelo mesmo poder, na doação a Deus e ao próximo, que é o amor. O autor dá graças pelo amor fraterno mútuo que crescia naquela Igreja.

A ocasião concreta e o ponto focal da vanglória, louvor que Paulo faz entre as Igrejas, é a perseverança em meio às tribulações (vs. 4). Aqui a Igreja está sendo vista como instrumento do Evangelho.

A ação de graças passa a ser intercessão no versículo 11 – “a fim de que nosso Deus vos encontre dignos da vocação a que vos chamou”. Para tanto, a oração deseja que Deus realize nos membros da Igreja o seu querer, o bem que Ele deseja. E que em tudo, Cristo esteja em nós e nós Nele, em termos de glorificação. Em outras palavras, somos feitos participantes da glorificação de Deus por meio de tudo que se diz por graça de Deus e de Cristo.

A fé que se expressa em amor glorifica a Deus. A finalidade da vida cristã é estar em comunhão com Deus e glorificar a Deus. Entendemos sempre que esse Deus em Cristo, ama a comunhão/comunidade e se fez nosso próximo.

Oração semelhante expressamos na ação de graças pós-comunhão do Rito I: “possamos perseverar em tua Santa Igreja e fazer todas as boas obras que para nós preparaste...” (ST)

### **2º. comentário:**

Ao que parece, as primeiras palavras ditas sobre a terra brasileira (“em se plantando tudo dá”) também podem ser pronunciadas sobre a capacidade que temos aqui de multiplicar as religiões, as igrejas e as denominações. Nestes primeiros anos do século XXI nosso país assiste ao surgimento e ao crescimento de dezenas de igrejas a cada mês. Contudo, quando nos aproximamos para uma visão mais acertada, nem sempre vemos interesses adequados e motivações que possam ser consideradas evangélicas. Quantas igrejas existem por aí que mais se adequariam ao formato de uma pequena ou micro-empresa (“pequenas igrejas grandes negócios!”) do que ao de uma agência do Reino de Deus.

No texto da epístola de hoje o apóstolo Paulo está escrevendo sua segunda carta à igreja que esta na cidade de Tessalônica para tentar esclarecer algumas questões deixadas pela primeira. Convencidos que estavam de que a vinda do Senhor se daria em pouco tempo, os cristãos tessalonicenses estavam “abrindo a guarda” de uma vida cristã a altura e seguindo idéias que precisavam de uma reparação. Esta carta é escrita, portanto para nos ensinar “como” devemos esperar a vinda de Jesus. Ao fazer isso, Paulo, na introdução, deixa bem claro toda a visão e a idéia que ele tem sobre aquela comunidade. Aquela não é uma igreja qualquer. É uma igreja que pode ser chamada por Paulo de uma igreja que se tornou digna do Reino de Deus. (v.5)



Pensando no que é uma igreja digna do Reino, e com base neste texto, diríamos que esta igreja possui, pelo menos, três qualidades.

Uma igreja digna do Reino tem, em primeiro lugar, *uma fé crescente*. Quando Paulo inicia dizendo que é justo agradecer a Deus por esta comunidade, ele assim pensa, em função da fé crescente que esta comunidade demonstra. Ao falar de uma fé crescente Paulo se refere a uma confiança inabalável em Deus. Em um momento e em um lugar em que o cristianismo é minoria e sofre perseguição, falar de uma fé crescente é realmente animador. Aquela era uma igreja em que, independentemente das perseguições e dos sofrimentos, a confiança em Deus crescia. É importante perceber que quando Paulo fala em "crescente" ele usa o presente de ação contínua, ou seja, ele quer dizer, que esta fé cresce cada vez mais, em que pese às perseguições. Esta palavra "crescimento" é tirada do jargão botânico. Isto significa que Paulo está comparando a igreja em Tessalônica com uma árvore que cresce sem medida. Assim como as pessoas gostam de se assentar à sombra de uma árvore em dias quentes, as pessoas também procuram a igreja como um lugar de refrigério e de tranquilidade, onde possam se proteger do sol e do calor causticante. Mas Paulo não foi o único a comparar a Igreja com uma árvore. O advogado cristão Tertuliano, falando sobre a Igreja disse que ela é como uma árvore, "cresce regada pelo sangue dos mártires".

Uma igreja digna do Reino tem, em segundo lugar, *um amor abundante*. Conforme vimos anteriormente, o amor aparece como as folhas desta árvore que cresce. Ele atinge a todos. A todos cobre e abriga com sua sombra. Cada vez que aparece mais um galho, mas o amor se espalha, criando a oportunidade para que outras pessoas também possam se proteger sob sua sombra. É importante notar, mais uma vez, que a expressão "abundante" também está no presente do indicativo, o que implica em uma visão de ação contínua. Este amor está abundando sempre, e gerando sempre acolhimento, abrigo e conforto para aqueles que procuram descanso para suas almas. Mas o que é esta coisa que se espalha como folhas em uma árvore crescente? O que é o amor? O amor é simultaneamente um sentimento, uma postura e uma decisão. É um sentimento de ligação para com o "outro"; é uma postura de abertura para com o "outro" e é uma decisão de relacionar-se existencialmente com o "outro", ou seja, de se doar ao "outro". Segundo as Escrituras, "Deus amou o mundo de tal maneira que 'deu' seu único Filho para que todo aquele que nele crê não morra, mas tenha a vida eterna". (Jô 3:16) Ora, a maior expressão de amor descrita neste versículo se encontra na palavra "deu". Quem ama dá, ou melhor, "se dá", "se doa", para o bem do "outro".

Finalmente, uma igreja digna do Reino tem, em terceiro lugar, *paciência na tribulação*. Quando Paulo fala aqui em "paciência", ele não está simplesmente pensando em uma espera, muito menos em uma espera confortável, como aquela que temos em um consultório médico. A palavra paciência é qualificada neste texto por sua ligação com a palavra seguinte: "tribulação". A palavra "tribulação" ou "perseguição" (no grego *diogmois*) só era usada naquele tempo em relação às perseguições religiosas. Isto significa que a igreja em Tessalônica era alvo de perseguição por causa de sua fé. E, no entanto, ela permanecia crescendo. O que será que a igreja tinha que atraia as pessoas para que se juntassem a ela? A palavra



“suportar” também está no presente do indicativo, o que nos dá a impressão de que eles estão “suportando constantemente” as tribulações, ou seja, suportando sem descanso e sem trégua.

Nosso Senhor Jesus já havia orientado sua Igreja sobre as grandes tribulações pelas quais ela passaria em função da pregação do Evangelho. Continuar anunciando a mensagem do Reino de Deus e renunciando a “marca da besta” que nos faria iguais aqueles que “pensam” da mesma forma, “consomem” as mesmas mercadorias e “fazem” os mesmo sacrifícios a “mamon”, é nosso maior desafio. Por causa desta renúncia a Igreja é perseguida e injuriada. Mas foi justamente neste momento de perseguição que a Igreja mais cresceu e exercitou sua fé, seu amor e sua paciência. (JLFA).

### **Santo Evangelho – Lucas 19.1-10**

Há vários temas que fazem com que esta estória tenha uma função especial no Evangelho de Lucas.

(1) Aqui está um tema favorito de Lucas: a acolhida dos pecadores, coletores de imposto e excluídos. Zaqueu é cobrador de imposto e considerado pecador, (Vs 2,7).

(2) A narrativa está colocada como o último evento do ministério de Jesus antes de entrar em Jerusalém e funciona como um sumário simbólico da missão da acolhida de Jesus.

(3) “O Filho do Homem que veio procurar e salvar o que estava perdido”, título de Jesus, confirma o tema acima exposto. A estória de Zaqueu é o último testemunho da missão resgatadora de Jesus. Assim, a conversão de Zaqueu é paradigma do que envolve autenticamente a salvação.

(4) Lucas tem uma visão clara sobre o uso dos bens. Zaqueu demonstrou seu desejo de colocar à disposição a metade dos seus bens em reparação aos pobres e restituir a quem prejudicou com o dobro. Isso está em contraste com o rico que quis herdar a vida eterna mas que, por amor aos seus bens não segue a Jesus. Ao contrário, o rico Zaqueu usa seus bens em favor dos pobres.

Também é interessante observar que a estória de Zaqueu foi precedida pela estória da restauração da visão a um cego. Esse seguiu a Jesus, isto é, entrou no discipulado. E aí vem a estória do Zaqueu.

Há algo de cômico na figura do Zaqueu. Não é uma figura devota. Aproxima-se de Jesus por simples curiosidade. Sua baixa estatura faz com que suba a um árvore para ver Jesus mas, aparentemente, sem ser visto. Porém, Jesus o traz para o cenário, no sentido de que, indo à sua casa, esse gesto provocou o que é central no Evangelho - o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido, (vs.10). Com isso essa estória de Zaqueu retoma e sintetiza as controvérsias e as parábolas ,(por exemplo, do capítulo 15). (ST)